

Gostaria de, neste início da caminhada quaresmal, recordar o essencial da mensagem do Papa Francisco para a Quaresma. Partindo da palavra de São Tiago “Fortalecei os vossos corações” (Tg 5,8), o Papa centra a sua atenção numa temática que lhe merece uma especial atenção: a globalização da indiferença. E afirma que Deus “não nos olha com indiferença; pelo contrário, tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando o deixamos”.

O Papa Francisco, numa linguagem despida de grandes arroubos teológicos, aponta aos cristãos católicos um caminho para não cairmos na indiferença: a renovação do coração. E, partindo daquela pergunta feita por Javeh a Caim “onde está o teu irmão?” (Gén. 4,9), recorda que as paróquias e as comunidades são “ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença”. Foi por isso, o Padre Américo lançou este estridente grito: “que cada paróquia cuide dos seus pobres!”

O caminho apontado pelo Papa para a renovação do coração passa por três momentos importantes: ORAÇÃO, CARIDADE, CONVERSÃO. E afirma seguidamente: “Podemos levar ajuda, com gestos de caridade, tanto a quem vive perto de nós como a quem está longe, graças aos inúmeros organismos caritativos da Igreja. A Quaresma é um tempo propício para mostrar este interesse pelo outro, através de um sinal – mesmo pequeno, mas concreto – da nossa participação na humanidade que temos em comum”.

E, mais adiante, escreve o Papa Francisco: “O sofrimento do próximo constitui um apelo à conversão, porque a necessidade do irmão recorda-me a fragilidade da minha vida, a minha dependência de Deus e dos irmãos”.

Assim termina o Papa a sua mensagem: “Gostaria de pedir a todos para viverem este tempo da Quaresma como um percurso de formação do coração... Ter um coração misericordioso não significa ter um coração débil. Quem quer ser misericordioso precisa de um coração forte, firme, fechado ao tentador mas aberto a Deus; um coração que se deixe impregnar pelo Espírito e levar pelos caminhos do amor que conduzem aos irmãos e irmãs; no fundo, um coração pobre, isto é, que conhece as suas limitações e se gasta pelo outro”.

O Papa Francisco recorda-nos que as mãos que se erguem em prece e os olhos que se elevam para o alto são exactamente os mesmos que se voltam para baixo, para aqueles a quem a economia neoliberal vai espezinhando. Por isso, em certa ocasião, o Pe. Américo escreveu:

“Sim; se entrares numa igreja, na maré em que eu digo missa, sabe que estou a servir o Pobre, no altar. Dediquei-me a eles, aos seus interesses, à sua causa. E se não ando como eles, descalço e remendado, é por medo que me prendam, que vontade não falta.

Sim; sirvo os Pobres nas cadeias, nos hospitais, nos tugúrios, nos caminhos – e no altar.

Sirvo os mentirosos, os verdadeiros, os vagabundos, os que insultam, que, se nas camadas baixas há gente de má nota, são, muitas vezes, lições que aprendem dos que deviam ser mestres”.

*A “globalização da indiferença” está a provocar um sempre crescente número de marginalizados, esfarrapados, homens e mulheres desiludidos, cansados da caminhada, corações amargurados e almas esfarrapadas. Por isso, nesta quaresma, tempo propício para a abertura do coração ao próximo, seria bom que gravássemos dentro de nós o apelo do Papa Francisco à “formação do coração”, apelo que o Pe. Américo sintetizou neste grito: **MESMO POBRE, O HOMEM PERMANECE HOMEM!***

Vem, hoje, muito a propósito este belo parágrafo dos escritos de Pai Américo: “Oh! Não queiras tu ser insensato, trocando pelo amor a Deus o amor que deves ao teu semelhante. Nem tomes por injúria o nome que os Apóstolos da Ressurreição chamavam aos que assim fazem; pois muito bem pode acontecer que tu tenhas o mesmo nome e sejas um mentiroso, quando bates no peito e dizes que amas muito a Deus, sem queres saber dos que batem à tua porta, por necessidade.

Olha para as feridas dos teus irmãos e medita, que talvez elas hajam sido feitas justamente por via desse teu amor a Deus – e daí vem a mentira que tu és”.

Não esqueçamos contudo o conselho de Jesus no texto do Evangelho de Quarta-Feira de Cinzas: que o bem que praticarmos seja feito em silêncio; que a mão esquerda não saiba o que faz a direita! E remato a nossa reflexão com este desabafo do Pe. Américo. Diz ele:

“Aqui há tempos fui convidado para assistir a uma distribuição solene. Primeiro erro. No silêncio deveria ter sido.

Aparece uma senhora ‘da nossa melhor sociedade’, como dizem os periódicos, muito importante, recamada de jóias e na flor do rosto um sinal... fraco sinal. No repartir, marca distância sem dar por ela, tal a íntima convicção da sua altura – pedestais de barro.

Cristo Jesus não distribuiu assim o pão. Não é mãe dos pobres aquela senhora. De que vale a riqueza sem nobreza?

Mais. Naquelas mesmas termas onde não querem receber este pobre de Cristo, aparece o comunicado da festa solene, à qual presidiu a Senhora Dona Fulana e fez música a Senhora Dona Sicrana e a Beltrana cantou o fado. Um mimo!

O pobre esfrega as mãos de contente, que a festa é toda a favor deles, coitadinhos. Tu das palmas. O mundo arde.

História ou fantasia, todos nós conhecemos um quadro de Nero a cantar o incêndio de Roma, que ele lançou; ai mundo, que botas o fogo ao mundo a cantar e a dançar”!...